

Javiera

Nº 22 — 1970 — 4º ANNO — ESPECIAL 37º CONGRESSO

50 CENT.

O TRABALHADOR

MENSUEL DE LA C.G.T. POUR LES TRAVAILLEURS PORTUGAIS

**A CGT
EM TODA A
PARTE E PARA
TODOS**

O QUE ESPERA O GOVERNO PARA RESPONDER AS PROPOSIÇÕES DA C.G.T. ?

Todos os conflitos nascidos no decorrer deste últimos meses, tanto no sector privado, como naquêlê dependendo do Estado, resultam da violação dos compromissos subscritos pelo poder e o patronato, e à recusa de procurar pela negociação, a solução das reivindicações essenciais, como seja, os salários e a duração das horas de trabalho.

Face à extensão do descontentamento de todas as categorias da população, e em primeiro lugar; dos trabalhadores, o governo não ressondeu senão por manobras de diversão ou tentativas de intimidação.

Depois de tres mêses, o governo orchestra uma vasta campanha, que tem por tema, os « slogans » usados do anti-comunismo.

Por todos os meios, ele tentou de votar o descontentamento popular contra, as organizações sindicais, e de desnaturar os movimentos reivindicativos dos trabalhadores, visando ao mesmo tempo a C.G.T., e usando a mentira, acusando entretanto os seus dirigentes, de praticar uma politica subversiva.

Por duas vezes, tanto na televisão como na radio, o Primeiro Ministro, manejou volta que volta, as contra verdades, a calúnia e a ameaça, atacando deliberadamente a C.G.T., e pessoalmente, a seu Secretario Geral.

Ao mesmo tempo ele recusa à C.G.T. e a Georges Seguy, directamente metido em causa, o direito de responder através da televisão.

Os factos são obstinados, e uma coisa é clara. Os movimentos reivindicativos que surgem por todos os lados, têm bases economicas e sociais, e não podem ser regularizados senão por meio de negociação.

Se o governo e o patronato tivessem aceitado as proposições de negociação apresentadas pela C.G.T., o país teria feito a economia de numerosas grèves.

De facto, depois de inumeráveis meses, a C.G.T. e as suas organizações, não cessaram de propôr, em todas as escalas, e compreendido ao nível nacional, negociações entre as centrais sindicais o governo e o patronato, a fim de resolver favoravelmente as reivindicações mais urgentes.

É assim, que, o problema de salários, poderia ter sido regularizado por convenções com uma duração de um ano ao maximo, permitindo o restabelecimento, a garantia, a manutenção e a progressão do poder de compra, e revisadas todos os seis meses. Este objectivo deveria ser concretizado por contractos de tres meses.

A solução negociada destes problemas essenciais, assim como, o fim de todas as discriminações de salários, o aumento das pensões, reformas e abônos; alijamento dos impostos; o restabelecimento dos direitos em matéria de segurança social; a garantia dos direitos sindicais, seria amplamente facilitada pela discussão e realização de um protocolo nacional entre o governo, o patronato e os sindicatos.

É o que propõe a C.G.T. O que há de subversivo nestas proposições ?

Além destas reivindicações, interessando o conjunto dos trabalhadores, a C.G.T. empreendeu igualmente depois de alguns meses, um certo numero de diligências interessando particularmente os trabalhadores imigrados.

Em Abril de 1969, René Buhl, secretário da C.G.T. escreveu ao Ministro dos Negocios Sociais, a respeito das pensões velhice, dos trabalhadores imigrados.

Em Maio, André Merlot, secretário da C.G.T., dirigiu-se igualmente ao Ministro dos Negocios Sociais, a respeito das bolsas de estudo a favor dos filhos dos imigrados.

Em Junho, a Direcção Confederal protestou enérgicamente junto do Primeiro Ministro, contra a persiguição de que é alvo o jornal UNIDAD, órgão mensal da C.G.T. para os trabalhadores espanhóis, e contra a inculpação do director desta publicação, pedindo ao mesmo tempo a anulação do processo.

Em Junho, uma delegação conduzida por Marcel Cailla, secretário da C.G.T., apresentou-se no Ministerio do Interior a fim de pedir que fosse respeitada as liberdades individuais dos imigrados, o fim e a anulação das medidas arbitrarias de expulsão e de residencia fixa.

Em Agosto, numa carta escrita ao Ministro das Finanças Jean-Louis Moynot, secretário da C.G.T., interveio para que fosse instituida uma tarifa especial de cambio a favor dos trabalhadores imigrados, cruelmente atingidos pelas consequências da desvalorização do franco.

Em Setembro, Georges Seguy, Secretario Geral da C.G.T., e pela ocasião da jornada internacional do alfabetismo, pediu ao Primeiro Ministro, para que, medidas fossem tomadas, em favor do alfabetismo e da formação profissional dos imigrados.

Nestes últimos dias, uma delegação da Federação da Construção Civil C.G.T., e do Secretariado Nacional da Imigração C.G.T. foi ao Ministerio dos Negocios Sociais a fim de tratar com as autoridades competentes, de assuntos respeitante aos direitos sindicais dos imigrados, e especialmente, o direito de elegibilidade, aos organismos representativos dos trabalhadores, no ambito das empresas.

Todas estas diligências, assim como, aquelas que foram efectuadas por numerosas organizações confederadas, feitas dentro de um espirito de negociação construtiva, ficaram até esta data sem qualquer resposta.

Em tudo isto, onde está a subversão ?

As reivindicações existem, alguma organização sindical não as pode ter inventado, a C.G.T. não mais que as outras. Elas resultam da politica do governo, que visa, a fazer suportar a todas as camadas laboriosas da população, as dificuldades económicas e financeiras, das quais ele é responsável; e a fazê-lhes pagar a contrapartida dos privilégios concedidos às grandes sociedades.

Os trabalhadores, quer eles sejam francêses ou portugêses, não admitem que o poder de compra obtido em Maio-Junho de 1968, seja amputado pela subida dos preços. Em numerosas empresas, onde a relação das forças é a favor dos trabalhadores, os patroês foram constringidos, pela acção sindical, a fazer importantes concessões. O poder de compra foi restabelecido, e mesmo em alguns casos um pouco excedido.

Mas, em numerosos sectores, a padronato, estimulado pela intransigência, opõe uma resistencia obstinada; a dureza donde faz prova o governo, para com os seus proprios assalariados.

O patronato e o poder, não querem ter em conta as realidades, recusando toda a negociação aceitável, e não oferecendo senão; simulacros de discussão, esquivando os problemas principais, e pretendendo mesmo, fazer admitir aos trabalhadores, de renunciar à defesa de seus interesses.

Não são as ameaças, nem a repressão brandida pelos adversários mais encarniçados da classe obreira, que intimidarão os trabalhadores.

Com a C.G.T. eles farão triunfar as suas reivindicações gerais e particulares.

Chaque
semaine
lisez
« LA
VIE
OUVRIERE »





37º CONGRESSO nacional DA C.G.T.

OS TRABALHOS

De domingo 16 a sexta-feira 21 de Novembro de 1969, teve lugar no Palácio dos Desportos de Vitry, no Val-de-Marne, o Congresso Nacional da C.G.T.

Foi o 37º, depois daquele, no decorrer do qual, em Limoges nasceu a C.G.T. O precedente teve lugar em Junho de 1967, em Nanterre, no departamento de Hauts-de-Seine.

Este Congresso foi aquêlo dos 13.808 sindicatos aderentes às Federações de indústria e Uniãoes Departamentais, depois de pouco mais ou menos um ano. Depois do precedente congresso o numero de sindicatos confederados aumentou de 3.494.

11.874 sindicatos estavam representados no Congresso, contra 8.909 no anterior. Esta participação mostra o maior interesse das organizações de base, pela sua Confederação e uma maior prática da democracia sindical.

1.227 delegados sindicais, sobre 1.234 em vista, participaram aos trabalhos do Congresso. Eles representavam 2.100.000 sindicalizados, sobre os 2.300.000 que conta a C.G.T.

A idade média dos delegados era de 36 anos, contra 37 em 1967 e 37 em 1965.

Os delegados sindicais, os representantes das Centrais sindicais e das Confederações, á escala do continente, assim como os convidados, tomaram lugar numa imensa sala envidraçada, sobriamente decorada de telas de côr

ocre, azuis; onde três palavras em letras brancas estavam inscritas:

« Com a C.G.T. por um sindicalismo unificado, democrático, de massa e de classe ». « La Vie Ouvrière », 60 anos ao serviço dos trabalhadores ». « Solidariedade internacional dos trabalhadores ».

Após um caloroso acolhimento ás saudações dos representantes dos cinco continentes, Benoît FRACHON, presidente da C.G.T., dirigiu a palavra aos congressistas, em insistindo especialmente, sobre o facto de que, a luta operaria em França, não pode sêr separada daquela do conjunto dos trabalhadores do mundo. Demonstrando em seguida, que a época dos monopólios, é também aquela, do conjunto dos trabalhadores do mundo, pelo mesmo combate; ele concluiu:

« Viva a união e a amizade entre os trabalhadores do mundo para a defesa de suas reivindicações económicas e sociais, para a defesa da Paz ameaçada pela agressividade dos Estados impérialistas, para as transformações sociais que reclama o progresso da ciência e da técnica, para que triunfe no mundo a sociedade sem classes, chamada a suceder á sociedade capitalista, factor de desordem, de miséria e de guerra ». Aberta a sessão pelo relatório da Direcção Confederal, apresentado por Georges Seguy, os trabalhos sobre os quais nós teremos ocasião de voltar ao assunto, continuaram com a intervenção dos delegados.

DOS CINCO CONTINENTES

As delegações fraternais; Federação Sindical Mundial; Confederação Internacional dos Sindicatos Arabes; União Sindical Pan-Africana; Comissão Permanente de União Sindical dos Trabalhadores da América Latina; União Soviética; República Democrática Alemã; República Democrática do Vietnam; Sul-Vietnam; Hongria, Polónia, Checoslováquia; Bulgária; Coreia; Roménia; Mongólia; Algéria, Itália; Chipre; Grande-

Bretanha; Belgica; Guiné; Madagascar; Marrocos; Nigéria; Sê-négál; Togo; Iraque; Libano; República Arabe Unida; Sudão; Síria; Argentina; Chile; Colombia; Peru; Uruguai; Venezuela; Brasil; Nova-Caledónia; Guadalupe; Guiana; Reunião; Martinica; Uniãoes Internacionais dos Sindicatos das Industrias Químicas, do Ensino, dos Metais, do Textil e do Sub-Solo; representantes das Comissões Obreiras de Espanha.

AS DECISÕES

O 37º Congresso pronunciou-se democraticamente sobre todos os problemas interessando directamente a sua actividade, tanto sobre a orientação, como, sobre as suas estruturas; adoptando ao mesmo tempo os novos estatutos, como relatava o precedente numero do nosso jornal. Ele dirigiu-se aos trabalhadores de França, num apelo adoptado por unanimidade e num entusiasmo geral. Endereçando-se bem assim aos trabalhadores franceses, que aos trabalhadores portugueses e outros imigrantes, este apelo, partindo das preocupações vitais dos assalariados, demonstra a necessidade de união de todos, e do reforço, da organização sindical democrática de masse que é a C.G.T.; para o sucesso das reivindicações económicas e sociais, e para as transformações democráticas necessarias, assim como, de realizar a acção solidaria de todos os trabalhadores do mundo, para a defesa dos seus interesses, para o progresso social e a paz.

Eis as outras decisões adoptadas pelo Congresso de Vitry, acompanhados do resultado do voto.

● Relatório de actividade e de orientação

Aprovado por 1.855.760 votos (votos contra: 681 do Sindicato INSEE, abstenções: 1.201 do sindicato do pessoal tecnico e administrativo das penitenciárias) Os 1.152 delegados tomaram parte no voto.

● Relatório Financeiro
Aprovado por unanimidade
● Documento de orientação, com o complemento sobre as nacionalizações e o programa de acção.

Aprovado por unanimidade
● Eleição da Comissão Executiva e do Conselho Fiscal.

1.151 delegados representando 1.857.642 vozes, tomaram parte no voto. Os 75 candidatos foram elei-

tos membros da Comissão Executiva (70 a unanimidade, 4 com 1.856.162 votos, 1 com 1.854.843 votos).

Os 7 candidatos ao Conselho Fiscal foram eleitos (6 a unanimidade, 1 com 1.856-162 votos, pelas mesmas precedentes razões).

● As resoluções

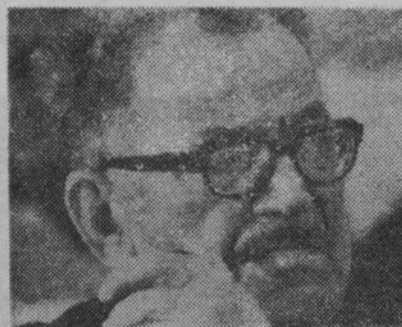
Elas dizem respeito aos problemas particulares, como enumeramos em seguida. A C.G.T. estima necessario precisar, tendo em conta a actualidade, a orientação e as modalidades de acção sindical.

Organização - Segurança Social - Ajuda Social - Mutualidade - Reformas - Alojamento - Mão de Obra femenina, actividade e programa - Comissões de Empresa e organizações similares - Actividades culturais - Juventude - Mão de Obra imigrada - Engenheiros e Tecnicos - Actividade Juridica - Propaganda - Imprensa - Estruturas - Educação.

Todas estas resoluções foram aprovadas por unanimidade, salvo, aquela que diz respeito aos engenheiros e técnicos, para a qual duas abstenções foram registadas.

Enfim, moções foram votadas pelo Congresso, especialmente em favor da libertação dos democratas aprisionados, do povo grego, assim como, uma saudação aos astronautas americanos, mensagens de solidariedade aos trabalhadores dos Portos e Docas em luta, aos empregados do gaz e electricidade, felicitações ás organizações sindicais e agricolas de Loire-Atlantique que manifestaram em comum no dia 22 de Novembro, um telegrama aos trabalhadores de Citroen-Bruxelas expostos á repressão, uma carta ás organizações pacifistas dos Estados Unidos pela sua acção em favor da paz ao Vietnam, e uma mensagem aos trabalhadores vietnamitas.

A composição da Nova Direcção Confederal



Benoît FRACHON

Os novos estatutos adoptados pelo Congresso, foram aplicados, no momento mesmo, em que, decorriam os trabalhos.

É assim que, a Comissão Confederal Nacional, composta pelos representantes das Uniãoes Departamentais, e Federações, elegeram a Direcção Confederal, donde os 15 membros (em lugar de 14 como anteriormente) foram escolhidos entre os componentes da Comissão Executiva, eleita directamente pelo Congresso.



Georges SEGUY

O camarada Benoît FRACHON foi reeleito presidente da C.G.T., Georges Seguy, secretário geral; os camaradas André Allamy, André Bertheloot, René Buhl, Marcel Caille, Jacqueline Dhervilly-Lambert, René Duhamel, Christiané Gilles, Henri Krasucki, Livio Mascarelo, Léon Mauvais, Jean-Louis Moynot, Louis Saillant, Jean Schaeffer, secretários confederais.



Eis os principais pontos tratados neste relatório

A CRISE GERAL DO CAPITALISMO

Os senhores e donos das grandes feudalidades bancárias e industriais, usaram de todos os meios para tentar de resolver as contradições onde eles estão sobrecarregados. O seu poder, combinado com aquele do Estado, de cujo aparelho eles se apropriaram a fim de, o submeter às suas necessidades, fornecer-lhes um considerável meio de explorar os assalariados.

Apesar de tudo, eles continuam a se atolar nas dificuldades e nas contradições.

Todos os paliativos a que eles chamam plano de estabilidade ou plano de austeridade, são de duração cada vez mais reduzida, em razão das lutas obreiras.

Algum artifício, quer se chame « participação » ajustamento permanente » « política de rendimento » « Obreiro accionista » não pode reabilitar no nosso país, a colaboração de classes.

O capitalismo, é a regressão para os trabalhadores, para os jovens, técnicos e engenheiros, trabalhadores imigrados, reformados e pensionistas, invalidos, aleijados, pessoas de idade vivendo da ajuda social, famílias operárias, assegurados sociais.

A indispensável acção sindical

Quem poderia afirmar que, sem a greve geral de Maio de 1968, e a ocupação das fábricas, os trabalhadores viriam a beneficiar do apreciável balanço social do último ano?

O homem e a técnica

É necessário dedicar uma grande importância ao melhoramento das condições de trabalho. As doenças profissionais aumentam, assim com também, os acidentes de trabalho; o que nos leva a puxar o sinal de alarme.

AS DECISÕES

O patronato e o Estado patrão, irão eles até ao ponto de dizer que estes mortos, as lágrimas, os sofrimentos e o luto que se segue nas famílias operárias, são necessárias à competição dos preços?

A elevação da consciência de classe

Se a classe operária perdesse o pé no seu conflito diário com o capital, ela privar-se-ia certamente de ter a possibilidade de emprender tal ou tal movimento de maior envergadura. Este pensamento de Max continua a ser de uma viva actualidade, quer faça prazer ou não, aos ultra revolucionários que, tanto desdenham as reivindicações alimentares.

A alternativa democrática

Toda a história da C.G.T. é uma luta constante, na perspectiva do desaparecimento do sistema de exploração capitalista, e na realização de uma sociedade baseada sobre a socialização dos meios de produção e de troca.

Nós agiremos e tomaremos todas as iniciativas, a fim de realizar as condições necessárias à insurreição desta sociedade, o que não depende somente de nós, mas sim, da união de todas as forças políticas, democráticas e sindicais concernentes.

A união das esquerdas

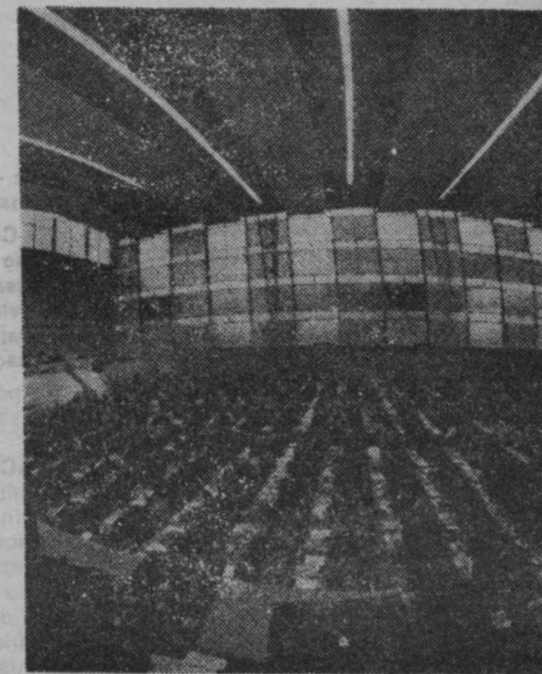
Nós sabemos que toda a aliança comporta concessões recíprocas. Nós pronunciamos-nos por uma confrontação sem condições prévias, que permitirá às esquerdas e ao movimento sindical, de definir em comum, o conteúdo de uma nova política, sua extensão e seus limites, e de chegar a um acordo geral, tendo o valor, de um compromisso para todos.



O RELATORIO DE GEORGES SÈGUY

A UNIÃO

A C.G.T. é uma organização aberta a todos os assalariados vindos de todas as famílias políticas. Espirituais funcionando segundo as suas regras de democracia sindical; excluindo toda a actividade fraccionária ou de tendência.



Independência sindical de classe

Depois de longa data a C.G.T. atingiu a maturidade. Ela não precisa de qualquer tutela política. Isso vem da evolução histórica do movimento sindical em França e diz respeito a uma positiva realidade nacional. Séria ilusório ignorar-se, não vendo portanto, qual o interesse que haveria no futuro, e compreendido, logo que uma nova sociedade terá sucedido ao capitalismo, de reconsiderar esta maneira de conceber o papel do sindicato.

Relações partidos-sindicatos

Os estatutos da C.G.T. reconhece o direito aos militantes da C.G.T., compreendido os membros da direcção confederal, de ter fora da organização sindical, a actividade política da sua escolha.

O essencial é que os partidos políticos que se reclamam da classe operária, se abstenham de toda a ingerência nos assuntos interiores da organização sindical, que eles respeitem a sua livre determinação, seus estatutos, seu programa e as regras da democracia sindical, válida para todos.

As perspectivas de união sindical

A C.G.T. não é a central sindical de uma tendência política do movimento obreiro. O problema de união se pouca, em relação, a duas concepções fundamentalmente diferentes do sindicalismo: aquela da luta de classes e aquela da colaboração de classes.

A C.G.T. está pronta a responder a todas as questões que digam respeito à unificação sindical, a examinar sem prévio aviso, dentro de um espírito realista e constructivo, com todos aqueles que desejem chegar à união, de todos problemas que estão ligados.

Para uma frente sindical comum

Estas considerações não relegam para último plano, o nosso apêgo à união de acção sobre os objectivos comuns.

Nós estamos pelo contrario decididos a multiplicar as nossas iniciativas, a fim de conduzir a união de acção a um nível superior, e de a tornar permanente de baixo para cima.

A ACTIVIDADE SINDICAL INTERNACIONAL DA C.G.T.

A nossa análise da situação nacional, não é senão, um aspecto da crise geral do capitalismo, em vias de agravação.

A existência do sistema capitalista.

A recrudescência das lutas obreiras e democráticas nos grandes países capitalistas.



A extensão do movimento de libertação nacional, em toda a parte onde continua a existir o colonialismo ou o neo-colonialismo, conferem no plano sindical, uma vantagem inegável, às forças democráticas e de paz, sobre as forças imperialistas da reacção e da guerra.

Como sobre o plano nacional, a união de acção a escala internacional, é necessária, a fim de fazer fracassar os planos de hegemonia do imperialismo, preservar a paz, fazer triunfar a coexistência pacífica.

7º Congresso da F.S.M.

Os participantes a este congresso, tiveram a prudência de colocar em primeiro plano das suas preocupações, as consequências da crescente crise do capitalismo e os grandes problemas que ela põe aos trabalhadores do mundo.

Com o Vietnam

Nós temos feito, e continuaremos a fazer, tudo que está em nosso poder a fim de apoiar os nossos irmãos vietnamitas a apressar a hora da sua vitória final.

Contra as ditaduras

É natural que os trabalhadores da Europa, sob o domínio das ditaduras fascistas, contem com a nossa solidariedade. É o caso dos trabalhadores gregos, portugueses e espanhóis.

Médio Oriente

Nós cessamos de lutar com o fim de dissipar a confusão mantida pelos acontecimentos do médio oriente.

O dia virá em que, mesmo os trabalhadores israelitas enganados, tomarão consciência do seu dever de classe e se erigirão contra a política agressiva dos seus dirigentes.

Eles podem estar antecipadamente certos da solidariedade da C.G.T., que jamais confundiu os agressores imperialistas, com os trabalhadores e os povos que eles exploram dentro de seu próprio país.

Segurança europeia

Os perigos de desforra vindos da parte do militarismo alemão, podem ser conjurados se todos os povos da Europa, e compreendido as forças progressistas da R.F.A. se unissem e tomassem em mão a salvaguarda da segurança europeia.

As organizações sindicais da Europa, sem distinção de filiação, poderiam contribuir a esta união.

O mercado comum

Em França, na Itália, na R.F.A., na Belgica, na Gran-Bretonha, o capital monopolizadpr

engendra, a escalas diversas, os mesmos fenômenos económicos e sociais.

A união de acção sindical na Europa Ocidental

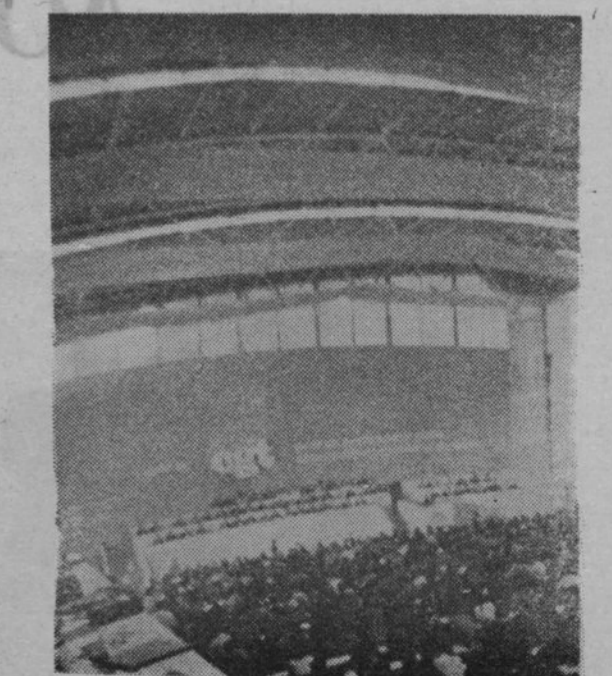
Os sindicatos dos países respectivos devem opôr uma frente sindical comum, a aliança capitalista multinacional. A comissão permanente C.G.T. - C.G.I.L. tomou inúmeras iniciativas a fim de facilitar a cooperação intersindical, na Europa de Oeste.

Nós estamos estimulados pela evolução favorável das nossas relações com as centrais sindicais da Belgica, da R.A.F. e da Gran-Bretonha.

A C.G.T. EM TODA A PARTE E PARA TODOS

Adaptar-se e passar adiante, vêr a C.G.T. presente em toda a parte ao serviço dos assalariados, tomando a iniciativa da luta, levantando sempre mais alto a bandeira de união sindical, da solidariedade obreira nacional e internacional, eis a nossa ambição.

Em dotando a C.G.T. de novos estatutos, o nosso 37º Congresso deu o exemplo das adaptações necessárias, e da maneira em que devem considerar a experiência passada, a fim de se orientar capazmente na direcção do futuro.



A PAZ NO VIETNAM



O acolhimento reservado pelos congressistas aos delegados vietnamitas, tanto aos de Norte como aos de Sul, representantes do valoroso povo que enfrenta corajosamente o mais poderoso país imperialista, atingiu um ar-dor excepcional.



O Congresso consagrou uma sessão especial ao Vietnam.

Com a garganta cerrada pela emoção, os congressistas escutaram os delegados vietnamitas evocar, a carnificina perpetrada pelas tropas americanas, o martírio sofrido pelo povo do Vietnam; fazendo-os vibrar de entusiasmo e de admiração, perante a coragem incrível que dão provas, os trabalhadores e o povo do Vietnam.



Um dos momentos mais emotivos desta sessão, foi o abraço trocado entre os delegados vietnamitas e os dirigentes da C.G.T.



Dois mensagens de solidariedade foram adoptadas à unanidade pelo Congresso, uma « aos trabalhadores vietnamitas e suas organizações sindicais empenhadas na luta de libertação nacional », outra « aos trabalhadores e aos pacifistas americanos, que lutam nos Estados Unidos mesmo, contra a guerra do Vietnam ».

René Duhamel, secretário da C.G.T., que presidia esta inolvidável sessão, pronunciou um discurso que terminava nestes termos: « Nós vos asseguramos que nós faremos tudo para ajudar a este triunfo o mais breve possível; palavras como estas ressonam cada vez mais no mundo inteiro: Fora com os americanos do Vietnam. O Vietnam aos vietnamitas.

O VIETNAM AOS VIETNAMITAS



Os delegados vietnamitas ofereceram recordações ao Congresso da C.G.T. Prova de amizade e de solidariedade; do Norte, transformado num quadro, um pouco de metal de um dos 3.300 aviões piratas abatidos sobre o território da República do Vietnam.

Do Sul, um estandarte de seda encarnada sobre o qual, figura em letras de ouro, as palavras seguintes: « Viva a Solidariedade de combate, entre as classes de França e do Sul-Vietnam ».



**37º CONGRESSO
nacional
DA C.G.T.**

RESOLUÇÃO SOBRE A MÃO DE OBRA IMIGRADA

O 37º Congresso Confederal, faz sua, a orientação e as decisões da Conferência Nacional de 15 e 16 Março de 1969, para a defesa e organização da mão de obra imigrada.

Os trabalhadores imigrados actualmente ocupados em França anda à volta de dois milhões. Eles representam o quarto dos obreiros empregados nas indústrias de base do nosso país.

Estes trabalhadores que deixaram o seu país, por razões políticas, económicas ou sociais, não serão jamais considerados como estrangeiros pelas organizações da C.G.T. seja qual for a sua raça, sua nacionalidade ou religião, os trabalhadores pertencem a uma só classe: a classe obreira. Eles estão ligados por interesses comuns.

Juntos, eles lutaram pela comunidade das reivindicações gerais e particulares, juntos eles obtiveram resultados muito importantes: sobre o plano económico e social; na conquista de novos direitos sindicais, na defesa das liberdades individuais.

O interesse dos trabalhadores franceses e imigrados, é de combater todas as manifestações de patriotismo exagerado ou racista de transpor todas as barreiras tendentes a dividi-los. Só a luta pela igualdade de direitos, pode aniquilar a concorrência, que os monopólios organizam entre trabalhadores de nacionalidades diferentes, para assim, melhor explorar uns e outros.

Os responsáveis da imigração e, das condições inhumanas nas quais ela se efectua, são:

— de uma parte, os governos que, incapazes de assegurar o emprego e o progresso social das massas laboriosas de seus países, constroem a parte mais jovem e mais dinâmica da população a emigrar em massa, enquanto que, os países em via de desenvolvimento suportam as seqüelas da colonização ou da neo-colonização.

— de outra parte, o governo francês que contribui à utilização dos trabalhadores imigrados, como mão de obra ao mais baixo preço.

Esta coalizão de facto, favorisa a exploração dos trabalhadores imigrados em França, não sómente em matéria de condições de trabalho, como também, de remuneração, de qualificação, de formação profissional de alojamento. Ela agrava as disparidades em matéria de prestações familiares, de segurança social, e desenvolve uma oposição sistemática aos direitos sociais e sindicais dos trabalhadores imigrados.

As condições a que são expostos os trabalhadores imigrados, pelo poder discricionário que detem o Ministro do Interior, acentua os efeitos.

Este poder discricionário, submetendo cada trabalhador imigrado à arbitrariedade da policia, deve ser abolido. Os imigrados devem ser submetidos á jurisdição francesa de direito comun, em igualdade com os naturais do nosso país.

Na luta pela igualdade de direitos, o Congresso apela o conjunto das organizações da C.G.T., a desenvolver as iniciativas em direcção dos poderes publicos, e do patronato, em se inspirando na Carta Reivindicativa elaborada pela Conferência Nacional, assim como, do documento federal sobre a

livre circulação dos trabalhadores, no interior da Comunidade Económica Européa.

Estes documentos reafirmão a orientação da C.G.T. no que diz respeito aos direitos dos trabalhadores imigrados, depois do seu recrutamento no país de origem, até às suas condições de vida e de trabalho em França. A C.G.T. apoiará todas as medidas que irão neste sentido, e em particular, o projecto do Estatuto Democrático e Social, depositado na Assembleia Nacional.

Em apreciando todavia, os resultados obtidos no sentido da igualdade de direitos, o Congresso insiste, para que, ao nível de cada empresa e estaleiro, as organizações redobram os esforços para a elaboração democrática e o resultado dos programas reivindicativos, nos quais, devem ser incluídas as reivindicações próprias à mão de obra imigrada.

Ele insiste para que se desenvolva com vigor e perseverança a **luta dos trabalhadores franceses e imigrantes**, sobre os problemas mais urgentes, a saber: as liberdades individuais, os direitos sindicais, a remuneração, as duplas consequências da desvalorização, sobre os imigrados, o alojamento, a Segurança Social, o alfabetismo e a formação profissional.

As Federações e as Uniões Departamentais, ajudarão as secções sindicais e sindicatos, — com a participação activa dos imigrados, — a realizar estes objectivos.

Nesta objectiva, as Uniões Locais, são destinadas a ter um papel particularmente importante.

Sobre o plano da batalha de idéas, as organizações C.G.T. responderão com vigor às ignóbeis campanhas racistas, desenvolvidas pelos adversários do movimento obreiro, assim como, às actividades aventureiras da extrema esquerda.

O Congresso eleva-se com força, contra as pretensões governamentais de privar os trabalhadores espanhóis em França, da publicação confederal UNIDAD, e reclama a abrogação de todas as disposições restringindo a publicação e a difusão da imprensa sindical em lingua estrangeira.

O Congresso faz apelo a todas as organizações sindicais interessadas, de empregar, os maiores esforços, para:

- a difusão dos jornais da C.G.T. à intenção dos Espanhois, Algerinos, Italianos e Portugueses.
- a edição de jornais e manifestos.
- a educação dos militantes imigrados, a partir dos lugares de trabalho.
- o alfabetismo e os cursos de francês.
- a criação de Comissões da C.G.T., de grupos de lingua, de permanencias.
- velar à promoção dos quadros sindicais, ao desenvolvimento da campanha de adesões.

Para a realização do conjunto destas tarefas, a utilização dos novos direitos sindicais, deverá ser desenvolvida por todas as organizações sindicais, assim como, o agir para o seu alargamento e aplicação sem qualquer discriminação.

Com os sindicatos C.G.T., os trabalhadores franceses e os trabalhadores imigrados, lutarão unidos, pelo bem estar e pela democracia. Eles apoiarão activamente os povos que lutam contra a ditadura, pela liberdade, o progresso social e a paz.

Esclarecimento da verdade

Cartas enviadas ao embaixador de Portugal

Paris, 8 de Dezembro de 1969

Senhor Embaixador,

Nós acabámos de sêr informados que, no dia 23 de Novembro ultimo, e no decorrer de uma conferência organizada pela Comissão de Ligação para o Alfabetismo e a Promoção (C.L.A.P.), um representante do governo português, senhor Jaime Lança de Moraes, declarou, a propósito de debate sobre a desvalorização do franco francês :

« ...Eu posso dizer-lhes que, o governo português está em contacto com a C.G.T., desde há muito tempo, a fim de dar satisfação aos problemas das prestações familiares e da desvalorização ».

Nós elevamo-nos contra uma tão mentirosa afirmação, donde o caracter político é evidente, e que visa entretanto, a mascarar as responsabilidades do governo português, na dolorosa e inhumana situação em que se encontram os trabalhadores imigrados deste país.

Vós sabeis perfeitamente, que a C.G.T. jamais teve qualquer contacto com o governo português.

De outra parte, no dia 12 de Setembro nós enviámos uma carta a quinze Embaixadas interessadas, entre elas a vossa, a fim de informar que a C.G.T. tinha reclamado do Ministro de Finanças Francês, a aplicação de uma tarifa de preferência de cambio, em favor dos imigrados, e para conhecer também, as medidas tomadas pelos países fornecedores da mão de obra, em vista de solucionar favoravelmente este problema.

Até esta data, a vossa Embaixada não se dignou responder há nossa carta.

Por consequência, nós decidimos de entrevir junto do Presidente da C.L.A.P. para o informar destes casos, e a fim de restabelecer a verdade.

Entretanto, nós tomámos todas as disposições, para que, as nossas organizações sindicais e os trabalhadores portugueses em França, possam julgar com conhecimento de causa, os processos e a

atitude dos representantes do governo português, sobre a questão da desvalorização monetária.

Queira aceitar, Senhor Embaixador os protestos da nossa muito elevada consideração.

Marcel CAILLE,
Secretário da C.G.T.

PARIS 12 SETEMBRO 1969

SENHOR EMBAIXADOR,

No dia 8 de Agosto proximo pasado, o governo francês decidiu a desvalorização do franco, na ordem de 12,5 %.

Esta medida atinge de uma maneira particular os trabalhadores imigrados e fronteiriços estabelecidos no nosso país. A consequência directa e sensível, provoca uma diminuição sobre as somas que eles expedem ao seu país de origem, a fim de subvencionar as necessidades das suas famílias. O mesmo acontece com as prestações sociais (abono de família, pensão de reforma, pensão de invalidez, renda de accidente de trabalho e doenças profissionais).

Desde o dia 14 de Agosto, a nossa organização, comovida por esta situação, dirigui-se ao Primeiro Ministro, para que, medidas urgentes sejam tomadas em favor deles.

Nós propomos a adopção de uma tarifa de preferência de cambio, a fim de compensar a taxa de desvalorização. A conclusão de acordos bilaterais podem e devem, ter lugar o mais breve possível.

Nós pensamos que a intervenção das Autoridades dos países de origem, podem contribuir eficazmente.

Os trabalhadores imigrados e fronteiriços, afectados pela desvalorização, são extremamente sensíveis à atitude dos seus governos. Assim como eles, nós estamos convencidos que pela vossa intervenção, nós poderéis ajudar a resolver este problema.

Nós pedimos o favor de nos comunicar se o vosso governo partilha este nosso ponto de vista, e se ele empreendeu junto das Autoridades francêsas, as diligências necessárias neste sentido...



*C gospruu
noneracuu luccu
neuuuu!
Suuuuuuuu*

« A GAIVOTA »

Valentina TERECHKOVA

O Congresso, de pé, aclamou com ardor aquela que fez bater o coração de milhões de mulheres e homens, quando da sua « viagem » ao cosmos. Valentina Terechkova, a primeira mulher do espaço, aquela que demonstrou a igualdade entre o homem e a mulher, em todos os domínios, assistiu como convidada, ao 37º Congresso da C.G.T.

Gentilmente, ela traçou para vós, estas simples linhas ; desejamos muitas felicidades na vossa vida.

O TRABALHADOR



213, rue Lafayette - PARIS (10^e)
BOTZaris 86.50

Imprimerie Lensoise - Lens

Directeur de la publication :

Serge CAPPE

Commission paritaire N° 44.113